

JORNAL: CORREIO DA MANHÃ LOCAL: GUA NAIBARA

DATA: 5 / 12 / 68 AUTOR: VERA PEDROSA

TÍTULO: MAVIGNIER

ASSUNTO: MAVIGNIER PARTICIPOU DO 1º GRUPO ABSTRATO
BRAS. COM IVAN E OUTROS

DA MANHÃ — 5 DE DEZEMBRO DE 1968 — PAG. 2

ARTES PLÁSTICAS

VERA PEDROSA

MAVIGNIER

Almir Mavignier acaba de realizar, na Kestner-Gesellschaft de Hannover, uma importante retrospectiva da qual constam 97 quadros, outras tantas serigrafias e um bom número de cartazes realizados na Alemanha.

Mavignier, que recebeu, no mês passado, um dos dois grandes prêmios da Bienal de gravura de Tóquio, é hoje, junto com Sérgio Camargo, Frans Krajcberg, e Mary Vieira, um dos artistas brasileiros mais conhecidos na Europa. Deixou o Brasil muito jovem, em 1951. Antes de viajar, participou do primeiro grupo abstrato brasileiro, com Ivan Serpa e outros. Seus trabalhos da primeiríssima fase (quando estudou com Axel Lescoschec) revelam uma grande sensibilidade. Um deles, particularmente, um retrato de moça, impressionista, já evidencia a preocupação com a luminosidade e a cor que seu trabalho futuro iria desenvolver. Ainda no Brasil, deixou uma contribuição importante no Engenho de Dentro, onde trabalhou no Serviço de Terapêutica Ocupacional, sob a orientação da dra. Nise da Silveira.

Mavignier se estabeleceu em Ulm em 1953, depois de ter viajado por quase toda a Europa. Chegou a Ulm no auge das divergências entre os grupos de Max Bill e Tomás Maldonado; estudou programação visual na Escola, durante dois anos, e prosseguiu nas suas pesquisas plásticas sob a inspiração de Bill e Josef Albers, a quem considera como mestres. A problemática de Albers, Mavignier a retomou sob um ângulo pessoal, estruturando sua pintura a partir de pontos compactos de cor, cujas dimensões crescentes e decrescentes são utilizadas para estabelecer uma problemática de ambivalência óptica. Trata-se de uma pintura minuciosa, de excelente fatura, organizada a partir de um conhecimento profundo das características físicas da cor. O primeiro quadro de "pontos" foi realizado em 1954. De então para cá, segundo se pode ver pelo catálogo, sua pesquisa vem tomando o sentido da exploração do relêvo. Primeiro, através da utilização de uma massa cada vez mais compacta, depois pela criação de peças moldadas, que chegam à escultura.

Outra face importante da pesquisa de Mavignier é a serigrafia, na qual faz experiências categorizadas. Atualmente com dois **ateliers** — um em Ulm e outro em Hamburgo, Mavignier ensina pintura na Escola Superior de Artes Plásticas de Hamburgo.

Sua obra, que segue uma orientação "suíça", apesar da racionalidade que a determina, atinge momentos de rara beleza. Em outros momentos, o racionalismo prevalece deixando lugar a um trabalho frio, de onde, a meu ver, a imaginação está demasiado afastada.

O trabalho sempre fundamentado (os que se lembram da fase concretista recordam que para não ser considerado "gratuito", um quadro tinha que poder ser explicado geometricamente) de Mavignier deixa, contudo, para seu maior enriquecimento, lugar para a invenção e a surpresa. Esta qualidade inesperada, aliada à sua solidez, que o deixa escapar a um certo preciosismo pelo qual revela predileções. Sem fazer um trabalho de natureza revolucionária — desenvolve uma das linhas tradicionais da pintura contemporânea — não deixa de ser um pesquisador encarniçado. Faz muito tempo que não expõe no Brasil. Talvez já fôsse hora de se providenciar uma mostra aqui do autor das já célebres **permutationem**.

NOTÍCIAS

— Ontem, às 21 horas, a Galeria IBEU inaugurou mostra de fotografias que abordam o tema da religião. Expositores: Alberto Juan Martínez, Carlos Antônio Moreira e José dos Reis Filho, de São Paulo.

— Em São Paulo, a Galeria KLM, na Rua São Luiz, está apresentando até o dia 15 próximo, pinturas recentes de Piroska Kiszely, que declara em seu catálogo: "Vocês que julguem com o coração se cumpri bem ou não minha tarefa. Tenho para com vocês um único desejo: amar e ser amada."